

Introdução

O presente trabalho, surge na sequência dos estágios realizados em contexto de creche e jardim-de-infância, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Por um lado, apresenta uma síntese da prática pedagógica desenvolvida em ambos os contextos e, por outro, dá conta do percurso investigativo decorrente dessa mesma prática e que desembocou na questão de pesquisa, *Como desenvolver a autonomia durante as rotinas, qual o papel do educador?*

Na verdade, devo confessar que, ao iniciar o primeiro bloco de estágio, em creche, fiquei simultaneamente incomodada e perplexa com as rotinas. Durante algum tempo não percebia como é que aquilo, que para mim, se apresentava como excessivamente rígido e limitador da ação da criança, poderia contribuir para o seu desenvolvimento.

Questionava-me, constantemente, sobre a função educativa das rotinas. Esta inquietação levou-me, desde logo, a procurar respostas que me ajudassem a perceber esta questão. Para além das conversas com a educadora cooperante e com as professoras da ESES, realizei várias leituras sobre este tema, e todos os contributos iam, de facto, no mesmo sentido.

Ao procurar aprofundar a questão das rotinas em creche, verifiquei que estas têm um papel muito importante, porque exercem na criança um papel de segurança, de conforto. Ao integrar-se na rotina, a criança sente-se mais segura, mais “dona” do seu tempo, porque consegue prever acontecimentos e também vivenciar cada momento. Neste sentido, a rotina deve ser consistente, ou seja, deve oferecer às crianças uma estruturação do dia.

A rotina tem também um papel promotor na orientação do tempo e dos processos temporais. A criança, ao longo da sua vida, aprende a existência de fases, do nome dessas mesmas fases, assim como do seu encadeamento sequencial.

A rotina apoia a iniciativa das crianças.

As rotinas funcionam, também, como um apoio para o educador, pois permitem-lhe gerir melhor o tempo e a planificação do dia. No entanto, a rotina deverá ser flexível na medida em que, com crianças pequenas, seria impensável suportar processos muito rígidos.

Convenci-me, então, que as rotinas, ao contrário de que inicialmente pensava, eram promotoras do desenvolvimento da criança.

Foi então que me questionei sobre o papel das rotinas no desenvolvimento da autonomia, que me parecia uma questão de extrema relevância nestas idades.

Segundo Zabalza (1998), “...a educação infantil apresenta elementos-chave para a definição de qualidade, onde se inclui a rotina estável, a atenção privilegiada

aos aspetos emocionais e ao desenvolvimento da autonomia.”

Apesar do autor defender estes pilares, e de referir que as rotinas e a autonomia são muito importantes na vida das crianças, estas não são muito referenciadas nas pesquisas quer em livros, quer em revistas.

Ainda, segundo Zabalza (1998), “...as rotinas desempenham um papel fundamental na definição do contexto onde as crianças estão inseridas, as rotinas são organizadoras, ou seja, operam como instrumentos de constituição e normatização de subjetividades, podendo, desta forma favorecer, ou não, a autonomia da criança. Defende ainda que, “... o tempo de organização de uma rotina diária, é privilegiado para que a criança realize atividades relacionadas com a autonomia, tais como arrumar os seus trabalhos no local indicado para tal, responsabilizar-se por um ambiente organizado e também agradável, um local onde todas as crianças se sintam confortáveis.”

Partindo, assim, do pressuposto de que a rotina influencia o desenvolvimento da autonomia das crianças, pretendo, com este trabalho, aprofundar a relação entre a rotina e a autonomia e melhor compreender o papel do educador na promoção destes dois elementos-chave.

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes:

- Na primeira, apresento uma síntese do trabalho desenvolvido em contextos de estágio e o percurso de desenvolvimento profissional, nomeadamente, uma reflexão sobre algumas questões emergentes da prática e que contribuíram para a definição da questão de pesquisa.
- Na segunda, apresento a minha questão de pesquisa – como desenvolver a autonomia durante as rotinas, qual o papel do educador? –, a fundamentação teórica, a metodologia utilizada para o seu estudo e, por último, os dados recolhidos e a sua respetiva análise.